

Benjamin leitor de Marx: na senda de *Das Passagen-Werk*

ANITA HELENA SCHLESENER*

Introdução

O capitalismo foi um fenômeno natural com o qual um novo sono, repleto de sonhos, recaiu sobre a Europa e, com ele, uma reativação das forças míticas. (Benjamin, 2009, p.502, K 1 a, 8)

O presente artigo traz reflexões sobre as leituras de Walter Benjamin dos escritos de Marx apresentadas em notas e citações que compõem *Das Passagen-Werk*,¹ principalmente no “Konvolut X” intitulado “Marx” e que aqui denominaremos “Arquivo X”. Esse arquivo seleciona citações de textos de Marx, complementadas com citações de comentadores do autor, entre eles, principalmente Karl Korsch, cujo livro *Karl Marx* (1977) serve como referência em cerca de dezessete notas e comentários, sugerindo um possível caminho de interpretação que tentaremos explicitar neste artigo. Theodor Adorno e Eduard Fuchs são citados na última nota

* Professora em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná. Este texto foi inicialmente apresentado na Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof) e aqui desenvolvido.

1 Trabalho de Benjamin iniciado por volta de 1927 e que permaneceu inacabado. Compõe-se de notas e citações que alimentaram, direta ou indiretamente, os ensaios dedicados a Baudelaire e as teses “Sobre o conceito de história”, assim como, “Paris, capital do século XIX”. As intenções de um livro sobre Baudelaire não se concretizaram e ficou um extenso material composto de fragmentos que, como acentua Rolf Tiedemann (2009, p.14) na Introdução à edição alemã de 1982 “podem ser comparados ao material de construção de uma casa da qual apenas demarcou-se a planta ou se preparou o alicerce”. O título *Das Passagen-Werk* da publicação alemã foi traduzido no Brasil como *Passagens/Walter Benjamin*, conforme usaremos na sequência.

do arquivo (Benjamin, 2009, X 13 a), que acentua elementos importantes para a articulação entre economia e cultura.

O “Arquivo X” apresenta, entre outros escritos de Marx, uma seleção de citações retiradas de *O capital* que evidenciam o movimento pelo qual a força de trabalho se transforma em mercadoria a partir do processo de formação da noção de valor. As citações retomam os mecanismos de abstração pelos quais se institui o fetichismo da mercadoria e os desdobramentos deste no modo de pensar e de ser da sociedade moderna como fantasmagorias que caracterizam as relações sociais e culturais em geral. O caráter de fetiche da mercadoria mostra-se no fato de que, na totalidade das relações sociais produzidas a partir da abstração ocorrida no conjunto das relações de trabalho, produz-se uma inversão, de modo que a sociedade se representa e se reconhece a partir de uma imagem de si mesma que não corresponde às relações reais, mas a uma fantasmagoria. Esse conceito, que evidencia as forças míticas emergentes na sociedade moderna a partir de sua estrutura interna enquanto produtora e consumidora de mercadorias, pode ser relacionado com a noção de alienação contida nos escritos de Marx do período da maturidade.

Para evidenciar esse possível caminho de leitura nos escritos de Benjamin, tentaremos salienta a interpenetração dialética entre econômico, político e cultural, por meio da qual se criam as relações sociais e se imaginam as possibilidades de futuro. Além das citações de Marx contidas no “Arquivo X”, retomamos algumas notas do “Arquivo G” para relacioná-las com observações apresentadas no “Arquivo N”, a fim de explicitar a relação expressiva entre o econômico e o cultural na formação do modo de vida do século XIX. Para Benjamin, tais notas parecem tratar de um levantamento de dados para a elaboração posterior de uma história da cultura, conforme a proposta formulada por Fuchs, considerado por Benjamin “pioneiro de uma reflexão materialista sobre a arte” (Benjamin, 1985, p.465).

Seguir essa senda reflexiva implicava, para Benjamin, confrontar-se tanto com o ideário da socialdemocracia de sua época, quanto com o historicismo, tanto na versão burguesa quanto na forma do determinismo marxista. Para isto, pretendia explicitar o significado do materialismo histórico na releitura da história, tanto que ele se colocava a questão: “de que maneira seria possível conciliar um incremento da visibilidade (da história) com a realização do método marxista?” E a resposta, ele a via no “princípio de montagem”. Como um arquiteto, deveria “recortar com clareza e precisão” os elementos necessários para a construção; analisar o pequeno, o minúsculo, o particular, para evidenciar relações e identificar “o cristal do acontecimento total” (Benjamin, 2009, p.503, N 2, 6). Ou seja, o material recolhido seria, mais tarde, a base para a apreensão da construção da história no seu movimento contraditório e dialético, a fim de romper com leituras deterministas e com o naturalismo histórico vulgar, pressupostos de posições políticas que ele questionava.

28 • *Crítica Marxista*, n.36, p.27-41, 2013.

As citações de *O capital* recolhidas por Benjamin salientam as mudanças estruturais no conceito de trabalho e no movimento de autoalienação do trabalhador a partir da análise de como se organizam as relações de trabalho e se produzem os valores (de uso e de troca) no contexto do modo de produção capitalista. Como explicita Marx, a partir das relações de trabalho que se instituem na sociedade capitalista gera-se um processo de abstrações que estão na raiz da autoalienação do homem, traduzindo-se na vivência cotidiana de uma aparência social que sustenta todo o conjunto de relações econômicas, sociais e culturais.

No “Arquivo N”, Benjamin ressalta que seu estudo tem o objetivo de explicitar fundamentalmente o “caráter expressivo dos primeiros produtos industriais, das primeiras construções industriais, das primeiras máquinas, mas também das primeiras lojas de departamentos, reclames etc.” (Benjamin, 2009, p.502, N 1 a, 7), ou seja, como o modo de produção se traduz em um estilo de vida burguês. A pesquisa, para Benjamin, tem uma dupla importância para o marxismo e desdobra-se em dois pontos: primeiro, visa esclarecer como “o contexto no qual surgiu a doutrina de Marx teve influência sobre” a própria doutrina por meio “de seu caráter expressivo” e não apenas por meio de relações causais; segundo, “mostrar sob quais aspectos o marxismo compartilha o caráter expressivo dos produtos materiais” de sua época (Benjamin, 2009, p.502, N 1 a, 7).

Explicitar o modo como a economia se expressa na cultura implica acentuar a função da ideologia na formação do modo de pensar e do comportamento burguês, a fim de desvelar a rede de relações intrínsecas entre a constituição da sociedade produtora de mercadorias e a formação do imaginário social. Importante acentuar que essa articulação entre economia e cultura tem como mediação a política, o horizonte no qual se desenvolveram as reflexões de Benjamin. Trata-se de mostrar que a obra de Marx, *O capital*, não é simplesmente uma pesquisa de economia, mas principalmente uma obra filosófica fundamental para entender o que se esconde sob a aparência das relações sociais e culturais capitalistas.

Dividimos essa exposição em três momentos. Pretende-se abordar: a) a articulação entre economia e cultura, por meio da retomada de citações que acentuam o movimento pelo qual se estruturam as relações de trabalho no modo de produção capitalista. A partir da análise da origem e dos desdobramentos do fetichismo da mercadoria com o ocultamento do caráter social do trabalho e das bases da alienação, procura-se explicitar o contraponto entre nexos causal e ligações expressivas, que abrem a possibilidade de duas leituras de Marx; b) o significado de materialismo histórico e o confronto com o determinismo marxista como pressuposto de uma nova leitura da história e da política; c) a leitura de Karl Marx mediada pelo texto de Karl Korsch, finalizando com o fragmento que comenta Adorno e Fuchs como apontamento para uma história da cultura. Ao acentuar a articulação entre economia e cultura, Benjamin explicita tanto os limites do pensamento burguês quanto os do próprio marxismo nos embates políticos do início do século XX, bem como as possibilidades de uma leitura mais radical e revolucionária.

A articulação entre economia e cultura

A articulação entre economia e cultura é desenvolvida, num primeiro momento, pela constatação de que a forma geral do valor, nascida no contexto das relações de trabalho capitalistas, gera uma inversão ideológica que faz prevalecer o valor de troca: “seria incorreto explicar a psicologia da burguesia partindo do comportamento do consumidor”; e para compreender o fundamento tanto da psicologia burguesa quanto da cultura em geral enquanto apropriada pela burguesia e transformada em estilo burguês seria necessário explicitar o movimento histórico de concentração dos meios de produção, isto é, “a apropriação e o controle do trabalho de outros e não a venda dos produtos desse trabalho” (Marx apud Benjamin, 2009, p.695, X 2, 2).

No “Arquivo G”, as citações de *O capital* (retomadas do capítulo V) acentuam que o processo de produção, considerado da perspectiva das relações de trabalho, transforma o operário em meio “de sua atividade produtiva objetiva” e, da perspectiva da apropriação da mais-valia, converte os meios de produção “imediatamente em meios de apropriação do trabalho de outrem”; a partir dessa segunda abordagem, que se institui por formas de abstração do significado subjetivo do trabalho, pode-se vislumbrar a inversão pela qual esses meios, em vez de se apresentarem como “elementos materiais da atividade produtiva” do trabalhador, tornam-se elementos que “o consomem como força motriz de seu próprio processo de vida” (Marx apud Benjamin, 2009, p.230, G 12 a, 3). Cabe verificar “em que medida o trabalhador assalariado é a ‘alma’ dos objetos de Grandville, animados de forma fetichista” (Benjamin, 2009, p.230, G 12 a, 3), ou seja, como o fetichismo da mercadoria se estende ao modo de vida de toda a sociedade transformando todas as relações, e principalmente a cultura, em forma de vida marcada pela alienação.

Seguem-se outras citações que salientam o significado do estranhamento do trabalhador em relação ao seu próprio trabalho, a propriedade privada dos meios de produção como origem da alienação recíproca, além de fragmentos que acentuam como se produz a forma geral do valor que viabiliza quantificar o trabalho inserindo-o no mundo das mercadorias; no âmbito das relações econômicas geram-se as condições para que a forma valor se identifique com a mercadoria e determinadas relações efetivas desapareçam do contexto de compreensão do real. Subtraem-se determinados significados a partir do ocultamento das diferenças que caracterizam os objetos em seu valor de uso, de modo que desaparecem do campo de representação as diferentes formas de trabalho concreto. O movimento da produção se caracteriza por deixar de lado as propriedades materiais dos objetos e as características específicas de cada trabalho individual para unificar os trabalhos específicos em trabalho humano em geral a fim de criar as condições para comparar os trabalhos indiferenciados e quantificados e estabelecer as bases de troca de equivalentes. Nessa “forma fenomênica, que torna invisível a verdadeira relação” (de trabalho) e o que aparece é “justamente o seu contrário, (no qual) fundamentam-se todas as representações jurídicas tanto do operário quanto do



capitalista, todas as mistificações do modo de produção capitalista, todas as suas ilusões de liberdade” (Marx apud Benjamin, 2009, p.697, X 3, 3).

Num segundo momento, as citações se concatenam para mostrar que a articulação evidenciada não é causal e mecânica, mas de expressão: no âmbito das relações de trabalho pelas quais o específico e individual qualitativo se transforma em quantidade objetiva e intercambiável produz-se “a expressão social do mundo das mercadorias” (Marx apud Benjamin, 2009, p.699, X 4, 4). O termo “expressão”, localizado nos escritos de Marx, torna-se central na reflexão de Benjamin visando a superar dificuldades geradas pela determinação mecânica sugerida por algumas leituras marxistas.

Em uma abordagem essencialmente estética, o termo aparece em *A origem do drama barroco alemão* (por exemplo, nas duas concepções de filosofia apresentadas no Prefácio enquanto formas de expressão que evidenciam perspectivas opostas de leitura da realidade) e, em seus primeiros escritos, em *Sobre a linguagem em geral e a linguagem dos homens*. Nesse último texto, a linguagem é expressão da vida espiritual humana e o expressivo é o que é comunicável como uma essência linguística sendo a linguagem, em sentido mais puro, o “*medium*” da comunicação (Benjamin, 1985, p.140-155). Essa mediação simbólica que se produz como reciprocidade entre o homem e as coisas permite que estas sejam nomeadas e o nome não seja apenas um signo aleatório, mas a revelação de sua essência.

Conforme Georg Otte (2001, p.406), o termo expressão apresenta o seguinte significado: a relação expressiva visa evitar a “mediação subjetiva. Não se trata de expressão mais ou menos intencional do sujeito, mas de um processo quase natural que se resume na seguinte fórmula: expressão é excesso de pressão que deixa vestígios”. O fenômeno da expressão aproxima-se dos “processos do inconsciente, deixando bem claro que se trata de algo que o sujeito não domina”. Ainda conforme Otte, existem “bons motivos para levar o termo ‘expressão’ ao pé da letra, reconduzindo-o ao seu sentido concreto, à sua base material. A ‘pressão’ [*Druck*] é um fenômeno da natureza que ocorre sem a intervenção do sujeito”. Se para Marx “tratava-se apenas de ver uma analogia entre as leis da natureza e as da sociedade, visando uma compreensão completa dos mecanismos sociais”, Benjamin “aplica os próprios fenômenos da natureza à sociedade, distanciando-se, assim, da abordagem marxista”, no sentido de que, por exemplo, a arte e a arquitetura parisienses são “legados do século XIX que a sociedade de então ‘expressou’ de si num ato de ‘inconsciente coletivo’” (Otte, 2001, p.406).

Da perspectiva do materialismo histórico, o termo “expressão” apresenta-se como uma forma de recolocar a relação dialética que se explicita no movimento de posição e superação das contradições e sua apropriação pelo imaginário social; tem a finalidade de superar os limites de um determinismo mecânico na leitura e compreensão do movimento histórico e da relação entre infra e superestrutura; para Benjamin, o que ocorre são relações de correspondência e de afinidade entre os fenômenos, relações possíveis quando esses fenômenos são retirados de seu

contexto habitual e inseridos em novas situações de leitura, que permitem o desvelamento do objeto em sua materialidade a fim de evidenciar novas significações.

A crítica ao mecanicismo ou ao determinismo, que estabelecem uma relação causal entre o econômico e o ideológico, se faz com o retorno aos textos originários de Marx para mostrar como a relação causal se estabelece. O conceito “expressão” tem como objetivo mostrar que o ideológico e o espiritual já se encontram implícitos no movimento de formação da mercadoria, ou seja, economia e cultura se condicionam dialeticamente e formam o imaginário social e a nossa subjetividade. É precisamente esse caminho que se descortina em *Passagens*, evidenciando a relação entre o processo de reificação e a formação da psicologia burguesa, com desdobramentos no comportamento do trabalhador, num movimento que envolve a formação do inconsciente coletivo.

Para Benjamin, a substituição do “nexo causal” por “ligações expressivas” permite evidenciar como o modo de pensar e o viver se elaboram como um processo inconsciente cuja origem se encontra na instituição das relações de trabalho capitalistas. A origem da alienação dos homens, que se expressa na exterioridade e no individualismo, encontra-se na inversão que se completa na medida em que as relações sociais entre os indivíduos e seus trabalhos se tornam relações exteriores entre proprietários de mercadorias, indivíduos isolados e independentes entre si que possuem produtos alienáveis. “Para que essa alienação seja recíproca, basta que os homens se defrontem, tacitamente, como proprietários privados dessas coisas alienáveis e, por isso mesmo, como pessoas independentes” (Marx apud Benjamin, 2009, p.698, X 3 a, 1). A própria atividade social passa a possuir, para os participantes da troca, a forma de uma atividade das coisas: “Para [...] relacionar as coisas entre si como mercadorias, seus guardiões devem relacionar-se entre si como pessoas cuja vontade reside nessas coisas” (Marx apud Benjamin, 2009, p.698, X 3 a, 2).²

As observações de Benjamin explicitam, sempre citando Marx, como as formas de abstração geradas nas relações de trabalho estão na raiz de um processo de alienação que se estende ao conjunto das relações sociais no contexto de uma sociedade essencialmente produtora de mercadorias (Benjamin, 2009, p.699, X 4, 1). “Durante o processo de trabalho, o trabalho passa continuamente da forma da inquietação para a forma do ser, da forma do movimento para a forma da objetividade” (Marx apud Benjamin, 2009, p.701, X 5 a, 3). Benjamin acentua que há uma reciprocidade entre a “natureza abstrata do trabalho social e a natureza abstrata do homem que se comporta como proprietário em relação a seus semelhantes” (Benjamin, 2009, p.699, X 4, 4). É nesse movimento de elaboração da forma geral do valor da mercadoria que “a coisa é distorcida”; e Benjamin salienta a inversão ideológica necessária para o funcionamento desse sistema, inversão por meio da qual “o sensível concreto vale apenas como manifestação do universal

² Citação de *O capital*.

abstrato – e não o contrário, o universal abstrato como qualidade do concreto –, que caracteriza a expressão de valor”, situação que se expressa na correlação mística evidenciada no direito, na política e na cultura (Benjamin, 2009, p.700, X 4 a, 1). A realidade invertida toma expressão no modo de pensar fragmentado, que permite falar, nessa sociedade, de igualdade e de liberdade sem que esses conceitos tenham uma efetividade ou se realizem no cotidiano da maioria da população, porque são “representações correlativas do fetichismo da mercadoria” (Korsch apud Benjamin, 2009, p.736, X 8 a, 1).

A função da crítica é desvendar o hieróglifo social, a origem e o processo de formação do modo de produção capitalista ou o mistério que se esconde nas relações mercantis cuja naturalidade precisa ser desmistificada. Trata-se de explicitar o modo como a economia encontra expressão na cultura, de “apreender um processo econômico como fenômeno concreto, do qual procedem todas as manifestações vitais das passagens (e, nelas, do século XIX)” (Benjamin, 2009, p.502, N 1 a, 6). Essa reflexão reaparece em outros fragmentos, nos quais Benjamin salienta como essas mudanças estruturais nas relações de trabalho produzem também o imaginário do trabalhador, com a função política de ocultamento das formas contraditórias pelas quais se constituem as relações no modo de produção capitalista. Entretanto, a ambiguidade presente no texto de Marx, que deu margem a leituras deterministas, não passa despercebida. Na verdade, o traço comum entre a historiografia materialista e o modelo historiográfico burguês encontra-se na assimilação da noção de progresso fundada em uma temporalidade homogênea e vazia, que mistifica a luta de classes e reforça a fantasmagoria do tempo para as classes trabalhadoras.

Materialismo histórico e política: o confronto com o determinismo marxista

O material reunido em *Passagens* revela a profundidade e a radicalidade de um questionamento que se confronta com o historicismo, em todas as formas que este apresenta; significa explicitar os próprios limites do marxismo e posicionar-se ante o determinismo deste e intervir no debate metodológico e político. Esse embate teórico passa por questões como a de demonstrar que o materialismo histórico tem como conceito fundamental não o progresso, mas a atualização (Benjamin, 2009, p.502, N 2, 2), a partir do qual os conceitos de história e política precisam ser reformulados. As questões culturais (estéticas, jurídicas etc.) são essencialmente políticas e têm como pano de fundo a luta de classes. Tais relações parecem imperceptíveis ao olhar desatento e podem ser lidas na reflexão sobre a diferença entre causa e expressão.

À primeira vista, parece que Marx pretendia somente estabelecer uma relação causal entre superestrutura e infraestrutura. Mas a observação de que as ideologias da superestrutura refletem as condições de maneira falsa e deformada já vai além.

A questão é de fato a seguinte: se a infraestrutura determina de certa forma a superestrutura no material do pensamento e da experiência, mas se esta determinação não se reduz a um simples reflexo, como ela deve então ser caracterizada, independentemente da questão da causa de seu surgimento? Como sua expressão. (Benjamin, 2009, p.437, K 2, 5)

A articulação entre infraestrutura e superestrutura e o enraizamento da ideologia no movimento de abstração gerado no âmbito das relações de produção, que se constituem na raiz da autoalienação do homem, permitem compreender como se elabora a legalidade e a psicologia burguesas enquanto um sistema que se estende ao conjunto da vida social como modo de pensar e aparência natural, formando a subjetividade e alterando toda a atividade humana. O recurso ao termo “expressão” permite a Benjamin mostrar a dialeticidade entre infraestrutura e superestrutura na formação e na consolidação da sociedade burguesa, bem como apresentar uma nova leitura do materialismo histórico e explicitar os limites históricos do próprio marxismo (socialdemocracia), a partir do modo como este valoriza as relações causais em detrimento da compreensão do real em seus nexos expressivos e da forma como se apropria do historicismo.

O materialismo histórico não aspira a uma apresentação homogênea, nem tampouco contínua da história. Do fato de a superestrutura reagir sobre a infraestrutura resulta que não existe uma história homogênea, por exemplo, a história da economia, nem tampouco existe uma história da literatura ou do direito. Por outro lado, uma vez que as diferentes épocas do passado são tocadas pelo presente do historiador em graus bem diversos [...] uma continuidade da apresentação histórica é inviável. (Benjamin, 2009, p.512, N 7 a, 2)

Coloca-se aqui a questão dos próprios limites do materialismo histórico, e o modo como se desdobrou no contexto do marxismo. A experiência do tempo é a questão de fundo que ficou em aberto no âmbito do marxismo e se vincula ao modo como se propôs o projeto revolucionário no contexto da socialdemocracia alemã. Tendo como pressuposto que o modo de produção capitalista e suas relações constroem uma leitura da história na qual o econômico adquire força como causa geradora a partir da qual o que é social e histórico aparece como natural, abre-se a perspectiva da sua eterna repetição. A história, integrada no contexto natural, oculta as contradições e acomoda todas as relações ao eterno ciclo da natureza (Benjamin, 2009, p.235, G 16, 3).

A noção de história homogênea e contínua implica pressupor a noção de progresso enquanto uma caminhada racional e irreversível a partir dos desdobramentos da base econômica. A história entendida a partir de uma experiência linear do tempo ofusca e submete a classe trabalhadora que não consegue identificar as características completamente inovadoras do seu projeto econômico e social.

Trata-se de arrancar, “por uma explosão, a época da ‘continuidade da história’ reificada” (Benjamin, 2009, p.516, N 9 a, 6), a fim de ressaltar as características contraditórias e alienantes do presente. Um novo projeto social teria como condição necessária romper com a leitura contínua da história a fim de elaborar, no processo de ação política, uma nova teoria da cultura. Essa tarefa não pode prescindir de uma crítica radical ao conceito de progresso no interior da concepção materialista da história. Pode-se completar essa argumentação com a citação feita por Benjamin da carta de Marx a Ruge, de 1843:

Nosso lema [...] deve ser: reforma da consciência, não por meio de dogmas, e sim pela análise da consciência mística, obscura a si mesma, seja em sua manifestação religiosa ou política. Ficará claro que o mundo há muito possui o sonho de uma coisa, da qual precisa apenas possuir a consciência para possuí-la realmente. (Marx apud Benjamin, 2009, p.509, N 5 a, 1)

Essa leitura, que se torna a proposição de um novo paradigma de leitura da história, tem duas características centrais: primeiro, construir uma nova leitura concentrada no presente e suas contradições, porque a historiografia fundada nos fatos como se presume que de fato aconteceram “foi o narcótico mais poderoso do século” (Benjamin, 2009, p.505, N 3, 4); segundo, pressupor que é o presente que ilumina o passado e que se torna necessário destruir para construir o novo: dissolver o mito no “espaço da história”, o que “só pode acontecer através do despertar de um saber ainda não consciente do ocorrido” (Benjamin, 2009, p.500, N 1, 9). Aqui se completa a articulação entre economia e cultura, com a mediação da política, ponto central dessa reflexão.

A leitura de Karl Marx mediada pelo texto de Karl Korsch

O escrito de Korsch, *Karl Marx* (1977), parece ter sido aprofundado por Benjamin e faz parte de dezessete citações do “Arquivo X”. Korsch foi um grande crítico da Segunda Internacional e das leituras que separavam a economia da política e da ideologia. No livro citado, ele procurou esclarecer o conteúdo político e histórico do pensamento de Marx nas proposições da economia política. Das citações selecionadas por Benjamin, salienta-se que “Marx concebe a natureza desde o início segundo categorias sociais”; nada mais é natural, porque tudo é mediado pelo processo de produção material; a matéria se torna “social, na ciência rigorosamente social de Marx” porque “mediada e transformada pela atividade humana social” (Korsch apud Benjamin, 2009, p.525, N 16, 4). Esse movimento dialético entre natureza e homem se modifica permanentemente na medida em que se transforma a produção material que, por sua vez, transforma também todo o “sistema de mediações existente entre a base material e sua superestrutura política e jurídica, com suas correspondentes formas sociais de consciência” (Korsch apud Benjamin, 2009, p.525, N 16 a, 1). Isso implica que as proposições

gerais precisam ser referidas a situações históricas específicas. Significa que é a partir de sua ação que o homem se faz (enquanto natureza humana) enquanto tal e constrói a história.

Outras citações procuram mostrar como Korsch enfrenta o determinismo no interior do debate marxista, a leitura que torna o econômico a causa determinante do funcionamento da sociedade, simplificando as relações que se instauram e gerando para as classes trabalhadoras uma espécie de fantasmagoria do tempo que restringe as possibilidades da luta revolucionária. Os conceitos de Marx não podem ser tomados “como condições estabelecidas *a priori* para serem aplicadas por uma pesquisa verdadeiramente materialista, segundo uma ordem determinada, e sim como um guia inteiramente não dogmático para a pesquisa e para a ação” (Korsch apud Benjamin, 2009, p. 526-527, N 17).

Outras anotações explicitam os caminhos pelos quais o estranhamento gerado a partir do processo produtivo encontra expressão no modo de pensar e no novo estilo de vida da sociedade do século XIX; quando se refere ao fetichismo da mercadoria, Benjamin salienta que “Marx demonstrou quão ambíguo parece ser o mundo econômico do capitalismo, ambiguidade fortemente acentuada pela intensificação da gestão capitalista”, e pergunta sobre os desdobramentos dessa situação na arte, na percepção e no pensamento de uma época (Benjamin, 2009, p.439, K 3, 5).

A articulação entre as noções de fetichismo da mercadoria e de autoalienação também se apoia no texto de Korsch: “O que Marx designa como ‘fetichismo do mundo da mercadoria’ é apenas a expressão científica para a mesma coisa que ele havia antes designado como ‘autoalienação humana’”; a grande contribuição de Marx foi “ter desmascarado *todas* as categorias econômicas como um único grande fetiche” e ultrapassando, assim, “todas as formas e fases da economia burguesa e da teoria social” (Korsch apud Benjamin, 2009, p.704, X 8, 2). As relações expressivas entre o econômico e o cultural, que se instauram na sociedade burguesa a partir do fetichismo da mercadoria, se explicitam na citação de Korsch:

Os ideais da sociedade burguesa, como o indivíduo livre e autônomo, a liberdade e a igualdade de todos os cidadãos no exercício de seus direitos políticos e a igualdade de todos perante a lei, revelam-se agora apenas como *conceitos correlatos ao fetichismo da mercadoria*, derivados do intercâmbio de mercadorias [...]. Apenas através do recalque das relações sociais reais para o inconsciente [...] apenas através da metamorfose fetichista das relações sociais que se estabelecem entre a classe dos capitalistas e a classe dos assalariados, graças à “livre” venda da “mercadoria força de trabalho” ao proprietário do “capital” [...] é possível falar nesta sociedade de liberdade e de igualdade. (Korsch apud Benjamin, 2009, p.705, X 8 a, 1)

Cabe salientar o modo como a categoria “fetichismo da mercadoria”, a partir da leitura de Korsch, começa a ser articulada com a dimensão onírica da experiência

social, que aparece aqui nos conceitos “recalque” e “inconsciente”. Esse elo fundamental entre a categoria “mercadoria” e a formação do imaginário social a partir da inversão que, do processo produtivo e da divisão social do trabalho, forma o modo de pensar e representar o real, com a expressão dessa visão de mundo na forma do sonho, nos parece a grande originalidade de Benjamin na leitura de Marx. O onírico tem sua expressão na superestrutura, na cultura burguesa, gerada a partir das relações de produção capitalistas. Nele se configuram os desejos mais imediatos de ascensão social, de liberdade e igualdade; as relações mercantis mistificadas encontram sua expressão na cultura e no modo de pensar cotidiano. Como acentua Buck-Morss, o argumento central de *Passagens* era que, “sob as condições do capitalismo, a industrialização teria trazido um re-encantamento do mundo social”, por meio de uma racionalização formal das instituições e da cultura, que deixou o espaço para “uma ‘reativação dos poderes míticos’” (Buck-Morss, 2002, p.302-303). O onírico e inconsciente se apresentam como fantasmagoria ou o mito vivificado a partir da inversão ideológica possibilitada pelo fetichismo da mercadoria.

No esforço em estabelecer o vínculo expressivo entre a estrutura econômica e a formação da consciência burguesa cuja manifestação ocorre como fantasmagoria, Benjamin retoma Adorno para acentuar que a noção “mercadoria”, ao ocultar um conjunto de relações humanas, faz que a sociedade gere “uma imagem de si mesma”, que ela designa como a própria cultura e que, na verdade, se apresenta como encantamento do mundo; o imaginário social na cultura é ainda um bem de consumo que se torna mágico e mítico, a partir do momento que “o trabalho nele acumulado [no bem de consumo] aparece como sobrenatural e sagrado, no mesmo instante em que não se dá mais a conhecer como trabalho” (Adorno apud Benjamin, 2009, p.711, X 13 a, 1). No contexto das relações capitalistas, o sujeito torna-se objeto (mercadoria), a individualidade se dilui num individualismo exacerbado, o sonho de transformação torna-se paralisia e espera, a vontade manifesta-se como desejo obnubilado.

Do modo como se institui o fantasmagórico deriva, em Benjamin, a compreensão da dimensão mais sutil que assume a ideologia e a autoalienação humana no modo de produção capitalista e, conseqüentemente, a crítica ao mito. Os caminhos que se abrem, a partir daí, são múltiplos: desde a crítica aos conceitos de progresso, história, temporalidade, novidade, moda, todas as manifestações culturais que a sociedade moderna desenvolveu como formas de expressão são desmistificadas por Benjamin. A imagem que a modernidade faz de si mesma, a representação factual e linear da história, “as formas de vida nova e as novas criações fundadas na economia e na técnica do século XIX entram num universo de fantasmagorias” e, enquanto houver fantasmagoria, a humanidade estará presa a uma angústia mítica (Benjamin, 1991b, p.60-61).

A crítica ao mito retorna sempre nas relações de compra e venda da mercadoria força de trabalho que ocultam, por meio do “livre contrato de trabalho”, uma das

formas mais violentas de exploração, porque mistificadas; ainda citando Korsch, Benjamin acentua que a burguesia introduziu:

uma outra forma de exploração velada, mais refinada e mais difícil de desmascarar. Se em épocas passadas as relações de dominação e servidão, abertamente proclamadas, aparecem como as molas propulsoras imediatas da produção, na época burguesa [...] ao contrário, a produção [...] serve como pretexto para as [...] relações de exploração. (Korsch apud Benjamin, 2009, p.705, X 8 a, 2)

Essa exploração velada se concretiza no “ideal de liberdade que se formou na época da produção burguesa de mercadorias”, que é apenas a “sombra embelezada” da sociedade, uma sombra que toma corpo e que, “longe de ser sua sonhada transformação, é o corpo atual da sociedade” (Marx apud Benjamin, 2009, p.706, X 9 a, 1).³ Ou seja, a produção na sociedade burguesa está envolvida em máscaras e véus que escondem as relações de opressão e de exploração do trabalho e a economia política é, nessa sociedade, “a forma científica da dissimulação” e do enevoamento da situação vivida pelo trabalhador. “Sua função: deslocar a ‘responsabilidade pela inibição do desenvolvimento e pela destruição da vida [...] da esfera da ação humana [...] para a esfera das relações naturais e imutáveis entre as coisas’” (Benjamin, 2009, p.706, X 9 a, 2). Benjamin retoma aqui uma questão fundamental na constituição da sociedade burguesa que se traduz, ao longo do desenvolvimento histórico dessa sociedade, na consolidação da reificação pela fragmentação do conhecimento, que torna possível concretizar o fetichismo no âmbito da cultura. A consciência individual voltada para a experiência empírica está envolta no caráter fetichista da mercadoria, apta a assimilar as informações fragmentadas.

A economia encontra expressão na cultura, mas esta se caracteriza como pensamento fragmentado. O desvelamento do fetichismo no âmbito da estrutura econômica e de sua extensão a todas as relações sociais, bem como a explicitação do modo como essa estrutura encontra expressão na cultura visa a formação de uma consciência política revolucionária; a revolução colocada por Marx como tarefa da classe proletária tem como pressuposto superar a autoalienação e criticar o mito produzido nas inervações do coletivo:

Tornar cultiváveis regiões onde até agora viceja apenas a loucura. Avançar com o machado afiado da razão, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda, para não sucumbir ao horror que acena das profundezas da selva. Todo solo deve alguma vez ter sido revolvido pela razão, carpido do matagal do desvario e do mito. É o que deve ser realizado aqui para o solo do século XIX. (Benjamin, 2009, p.499, N 1, 4)

³ Citado de Marx, *A miséria da filosofia*.

Essa noção de revolução traz implícita a exigência de mostrar também os limites do marxismo que, em outros escritos de Benjamin, se apresenta na crítica ao conceito de progresso, um dos meios pelos quais o mito atinge a classe operária. A dura realidade social e política que circundava Benjamin, isto é, a ascensão do nazismo e as atitudes políticas tomadas pela socialdemocracia alemã, não deixavam muito espaço de ação revolucionária para as classes trabalhadoras. A consciência clara dos limites da crítica ante a força dos mitos modernos, a celebração da cultura que, fragmentada e condicionada, torna-se desvario e barbárie, a expansão da sociedade de consumo e a ampliação das formas de alienação por meio da formação do imaginário social tolhem suas esperanças quanto a mudanças radicais de caminho.

Breve conclusão

Já no século XIX, Paris, com seus subterrâneos e passagens, resplandecia como centro financeiro e cultural. Como se entende da citação a seguir, intelectuais dessa época tinham consciência de que a tendência do capitalismo era se expandir e escritos de ficção de 1856, com ironia, parecem prenunciar esse futuro:

Paris no ano de 2855: “Os hóspedes que nos chegam de Saturno e Marte se esqueceram, ao desembarcar aqui, do planeta materno! Paris é doravante a metrópole da criação! [...] Onde estão vocês, Champs-Élysées, tema favorito dos romancistas do ano de 1855? [...] Nesta alameda, pavimentada em ferro, coberta de telhas de cristal, zumbem as abelhas e os zangões das finanças! Os capitalistas da Ursa Maior discutem com os agiotas de Mercúrio! Hoje mesmo colocaram-se no mercado de ações os destroços de Vênus incendiada pela metade, por suas próprias chamas! (Houssaye apud Benjamin, 2009, p.231, G 13, 2)

As *Passagens* guardam tesouros que exigem o olhar atento do leitor para descobrir relações que o texto oferece na medida em que rompe com a linearidade histórica e permite relacionar conteúdos a fim de identificar, no texto, a expressão da realidade. A arquitetura em ferro e vidro traduz, no límpido e transparente de suas formas, a grandeza da produção material e o nebuloso e mítico do modo de ser burguês, cujos ideais de liberdade e igualdade mistificam os objetivos financeiros e as ambições de acumulação.

Os fragmentos de *Passagens* retirados dos escritos de Marx permitem vislumbrar os objetivos de Benjamin no que se refere à articulação expressiva entre economia e cultura, assim como explicitar os limites do pensamento burguês e a radicalidade da crítica marxista. Em sua crítica, Benjamin identifica, no movimento de produção e reprodução das relações de trabalho, os momentos de abstração pelos quais se produz a noção de objetividade, as formas gerais de alienação no fetichismo da mercadoria, bem como mostra as novas dimensões que assume a

alienação na formação do imaginário social do século XIX. Esse modo de pensar e estilo de vida toma expressão na representação jurídica, política, cultural, nos materiais e na arte aplicada à realidade urbana da época.

As dimensões da alienação nas formas culturais e na configuração estrutural da sociedade burguesa aparecem como barbárie, se a cultura for entendida de forma separada do modo de produção e de como se concretiza o fetichismo da mercadoria. O que está na raiz da barbárie (enquanto violência gerada a partir de uma sociedade estruturada na exploração do trabalho) é a aparência de autonomia do jurídico, do Estado e da própria história, a partir da divisão social do trabalho e da fragmentação do conhecimento.

A leitura de Marx a partir das citações elencadas por Benjamin nos ensina a pensar as contradições e a salientar o diverso num mundo que procura tudo unificar num único discurso. Em *Passagens*, como acentua o próprio autor, busca-se entre outras coisas “a origem das formas e das transformações das passagens parisienses desde seu surgimento até seu ocaso”, apreendendo-as “nos fatos econômicos” que, em seu desenvolvimento, “fazem surgir a série das formas históricas concretas das passagens, assim como a folha, ao abrir-se, desvenda toda a riqueza do mundo empírico das plantas” (Benjamin, 2009, p.504, N 2 a, 4). Os desdobramentos críticos dessa proposta teórica, os quais podem ser identificados na obra citada, são a grande contribuição de Benjamin para a contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- _____. Paris, capitale du XIXe siècle – Introduction. In: *Gesammelte Schriften V, 1 und 2 (Das Passagen-Werk)*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1991a.
- _____. *Gesammelte Schriften II – 1 e 2, (Aufsaetze, Essays, Vortraege.)* Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1985.
- _____. *Gesammelte Schriften V, 1 und 2 (Das Passagen-Werk)*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp Verlag, 1991b.
- BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das Passagens*. Belo Horizonte: Argos/UFMG, 2002.
- CHITUSSI, Barbara. *Filosofia del sogno. Saggio su Walter Benjamin*. Milão: Mimesis, 2006.
- FERRARI, Sônia C. M. Mercadoria e moda: o fetiche e seu ritual de adoração. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1999, p.169-179.
- KORSCH, Karl. *Karl Marx*. Roma-Bari: Editori Laterza, 1977.
- MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1976.

- OTTE, Georg. Vestígios de um materialismo estético em Walter Benjamin. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virginia. *Mimesis e expressão*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p.402-411.
- TIEDEMANN, Rolf. Introdução à edição alemã de 1982. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo:Imprensa Oficial, 2009, p.13-33.
- WOLIN, Richard. *Walter Benjamin: An Aesthetic of Redemption*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1994

Benjamin leitor de Marx: na senda de *Das Passagen-Werk*

ANITA HELENA SCHLESENER

Resumo: O presente artigo traz reflexões acerca das citações de Benjamin apresentadas em *Das Passagen-Werk* a propósito dos escritos de Marx. As anotações explicitam o conceito de trabalho e o processo de autoalienação do trabalhador na análise do modo como se organizam as relações de trabalho e se produzem os valores (de uso e de troca) na sociedade capitalista a fim de explicitar a psicologia burguesa e a alienação como um processo extensivo a todas as situações da vida. Benjamin pretende entender como a economia encontra expressão na cultura, materializada na arquitetura de *Das Passagen-Werk*, no século XIX.

Palavras-chave: trabalho, alienação, fetiche, inconsciente, encantamento.

Abstract: This paper proposes some reflections on Walter Benjamin's quotations on Marx in *Das Passagen-Werk*. These notes explain the concept of work and the process of self-alienation of the worker as it analysis how labor relations are organized and how they produce values (use and exchange) in capitalist society. The aim is to explain the bourgeois psychology and alienation as a process extensive to all situations in life. Benjamin intends to understand how the economy finds expression in culture embodied in the architecture of *Das Passagen-Werk*, in the nineteenth century.

Keywords: work, alienation, fetish, unconscious, enchantment.

Emancipação e revolução: crítica à leitura lukacsiana do jovem Marx

ARMANDO BOITO JR.

Resumo: Este artigo mostra a incompatibilidade entre o par de conceitos emancipação política/emancipação humana, presente nos escritos de juventude de Marx, e o par revolução burguesa/revolução socialista, presente na sua obra de maturidade. Critica a tese de Georg Lukács e de autores brasileiros que sustentam haver uma equivalência entre esses dois pares conceituais.

Palavras chave: Marx, humanismo, emancipação, revolução, Lukács.

Abstract: This article shows the incompatibility between the conceptual pair "emancipation policy /human emancipation", present in Marx's early writings, and the pair "bourgeois revolution/socialist revolution" present in his mature work. It criticizes the thesis of